

***CIPIÃO, O AFRICANO. MAIOR QUE NAPOLEÃO*¹**

BASIL H. LIDDELL HART

*Imperator me mater, non bellatorem peperit.*²

Em 204 a. C., obedecendo a ordens de um general romano³, uma pequena frota composta por algumas quinquerremes e trirremes, comandadas por Lélío, e repletas de legionários provenientes das bases sicilianas, desembarcam a sua carga mortífera nas costas de Hippo Regius⁴, a cerca de 240 quilómetros de Cartago causando grande consternação e pânico na cidade púnica, já que todos achavam que era o grande general romano que tinha desembarcado. Era apenas uma manobra de diversão, preparatória do verdadeiro desembarque, mas que serviu em pleno a estratégia de Públio Cornélio: a fixação das forças inimigas e a atracção para África do corpo expedicionário de Aníbal.

Um dos aspectos mais surpreendentes da Segunda Guerra Púnica foi a coragem e a visão estratégica com que o senado romano, em tempos adversos, optou por lutar contra os cartagineses em múltiplos teatros de operações. Ao invés de concentrar todo o seu poderio militar em território itálico, onde as hordas de mercenários e de tropas regulares cartaginesas, comandadas por Aníbal Barca, devastavam coortes atrás de coortes e saqueavam regiões atrás de regiões, tornando o desfecho da guerra muito sombrio, os «pais conscritos» despachavam tribunos militares e material de guerra para a Hispânia, para a Sicília e para a Macedónia, procurando nesses espaços conter o fluxo de reforços e de abastecimentos que constantemente «pingava» sobre o

¹ HART, Basil H. Liddell, *Cipião, o Africano. Maior que Napoleão*, prefácio de Garcia Leandro. Revisão da tradução e notas de Miguel Mata. Lisboa: Edições Sílabo, 2006.

² O que quer dizer: «Minha mãe deu à luz um general, não um guerreiro». Em FRONTINO, *Strategemata*, 4. 7. 4.

³ O general é Públio Cornélio Cipião (c. 236 – 184 a. C.).

⁴ Na Argélia, actualmente chama-se Annaba.

grande chefe cartaginês. No final seriam essas campanhas militares, travadas fora da Península Itálica, dirigidas por militares tenazes e inteligentes, que acabariam por ditar o fim de Cartago.

As derrotas do clã Barca na Hispânia, na Sicília e por todo o Mediterrâneo, abriram o caminho para a chegada das legiões romanas às costas de África. Desembarcados e postos em movimento, os legionários tornavam-se demasiado perigosos para os chefes de Cartago, que não confiavam nas suas guarnições compostas por mercenários. Aníbal tinha que vir. O seu regresso e posterior derrota ditaram a capitulação daquela potência africana. Cartago acabou em 202 a. C., quando as suas hostes e o seu maior general foram derrotados pelas forças de Roma. Cipião triunfava finalmente depois de se ter iniciado como soldado na ignominiosa batalha de Canas, onde foi um dos poucos sobreviventes. Derrotava Magão, Asdrúbal Barca e outros chefes cartagineses e hispânicos por toda a Península Ibérica. Controlava a Ibéria, dominava a Sicília, de onde se lançaria sobre Cartago, que submeteria. Ganhava um nome apelido. A partir de agora chamar-lhe-iam, sempre, *o Africano*.

A possibilidade de Roma manter uma guerra com frentes tão distantes umas das outras só foi possível graças aos vastos recursos de que a República dispunha, e que foram levados quase ao limite. A sociedade romana apetrechou-se para a guerra de uma forma que Cartago nunca conseguiu alcançar, mas foi sem dúvida a tenacidade e a visão estratégica do Senado que ao ter a coragem de conceder a um jovem, então com vinte e sete anos, o *imperium* proconsular e o comando da guerra na Hispânia em 210 a. C. permitiu mudar os ventos da guerra. O jovem era Cipião e não havia precedente sobre a concessão de um cargo de tão grande importância a alguém tão novo.

Em 211 a. C., um ano antes de Públio Cornélio chegar à Península Ibérica, os outrora vitoriosos exércitos romanos tinham sido sistematicamente derrotados e a presença das legiões só se fazia sentir numa pequena faixa de território, a norte do Ebro, onde resistiam precariamente contra as ofensivas das forças púnicas e dos seus aliados peninsulares. Com poucos reforços e escassos recursos – as forças de Cipião não ultrapassavam o potencial de um exército consular – enfrentou três poderosos exércitos cartagineses, de parecida ou superior dimensão, conseguindo no decurso de quatro campanhas⁵ expulsá-los completamente da Hispânia.

⁵ Durante quatro anos. Cada campanha corresponde às operações realizadas durante a Primavera e o Verão de cada ano. Só nestas estações os exércitos se podiam

Da mesma maneira, mais tarde, em África, Cipião iria ludibriar e vencer exércitos mais fortes do que aquele que para ali tinha levado. As suas acções militares, a sua capacidade de comando, demonstravam as mesmas qualidades, se não melhores, que as referidas ao grande Aníbal Barca, quando este defrontou generais romanos pela primeira vez em Itália.

A Segunda Guerra Púnica dominou toda a vida de Cipião. Quando começou tinha apenas dezassete anos participando pela primeira vez na batalha de Ticino, onde os romanos foram completamente obliterados. Mais tarde terá estado provavelmente em Trébia, muito possivelmente em Trasimeno e também no desastre de Canas. Tal como todos os aristocratas da sua geração viu-se submetido a períodos mais prolongados e duros de serviço militar, conseguindo com isso adquirir uma profunda experiência militar retirada do treino, das marchas, das batalhas, do sofrimento dos companheiros mortos e estropiados. Como muitos tribunos militares da sua geração, Cipião converteu-se num militar capaz, resistente e bastante dotado. Quando a guerra acabou, tinha passado a maior parte da sua vida em campanha, comandando um exército durante oito anos, lutando e conseguindo a vitória em cinco importantes batalhas, bem como em incontáveis recontros menores e cercos a cidades inimigas. A lista das suas façanhas deixava para trás a de qualquer outro senador romano, o que levou a República em 205 a. C. a nomeá-lo cônsul, embora tecnicamente fosse demasiado jovem para ocupar tal cargo.

A República romana, que se tinha mostrado tão satisfeita com os feitos militares de tal patrício, procurou, uma vez terminado o conflito com Cartago, encontrar-lhe um cargo condigno, mas o sistema político romano estava concebido para evitar que qualquer pessoa alcançasse poder e influência excessivos. Em circunstâncias normais Cipião poderia ter tido mais trinta anos de vida pública activa, mas a Roma do século II a. C. não lhe deu a oportunidade de superar, na política, os seus feitos militares. No fim, foi obrigado a abandonar a política refugiando-se num exílio amargo. Quando morreu, relativamente cedo, era um homem desiludido.

Mas tudo começa por volta do ano de 209 a. C., quando em Emporium, a velha colónia grega na Hispânia, Cipião chega com perto de dez mil soldados (o equivalente a duas legiões consulares) que se vinham juntar às derro-

deslocar e dar batalha com eficácia, sem serem tolhidos e prejudicados pelo frio e pela chuva do Outono e do Inverno.

tadas forças romanas daquela província. O jovem general comandava agora uma força de perto de vinte e oito mil homens, entre tropas de infantaria, e perto de 3000 cavaleiros. Pela frente tinha três fortes exércitos cartagineses chefiados por Asdrúbal e Magão, irmãos do famoso Aníbal, e por um outro Asdrúbal, filho de Gisgão. Antes da partida de Roma, já acreditava que a morte do seu pai e de seu tio e a consequente destruição das forças romanas na Ibéria não era resultado de uma brilhante estratégia cartaginesa, mas antes da divisão de forças que aqueles seus familiares tinham efectuado, bem como uma excessiva confiança nos vinte mil celtiberos que haviam sido recrutados recentemente e que os tinham traído.

O jovem Cipião cada vez mais se convencera que a divisão das forças dos dois generais e a deserção da cavalaria celtibera estavam na base do desastre das armas romanas e vinha disposto a não cometer o mesmo erro.

Estava decidido a não envolver as forças, em menor número, em campanhas de perseguição inúteis através dos difíceis terrenos da Hispânia; ainda mais decidido se encontrava em não confiar nas forças locais. O inimigo haveria de vir ao seu encontro e essa disposição marcaria o seu fim. Não vinha contudo disposto a esperar no reduzido espaço onde se acantonavam o resto das legiões desfeitas. Cipião planeava actuar com agressividade, atacando em força onde menos o inimigo esperaria. Tinha do seu lado dois grandes trunfos: o domínio do litoral, garantido pela frota de guerra que trouxera de Itália, e a excessiva confiança dos três generais cartagineses e dos seus aliados celtiberos.

Passou ao ataque. Primeiro recolheu informações sobre a localização, dimensão, abastecimentos e moral do inimigo. Percebeu que estavam muito afastados uns dos outros⁶, deixando entre si espaços onde o descontentamento autóctone medrava, pois Cartago, afinal, tratava-os pior do que os romanos. Era mais um trunfo a favor de Cipião, e que cedo usaria.

O alvo não tardou em ficar definido. Ao invés de tentar atrair um dos três exércitos para uma batalha decisiva, que poderia ganhar, mas que lhe custaria, provavelmente, muitos efectivos, o que o obrigaria a recolher às suas bases do Norte para ganhar energias, e além do mais os cartagineses poderiam não responder ao desafio. Cipião opta por uma estratégia diferente,

⁶ Asdrúbal Gisgão estava na Lusitânia, perto da foz do Tejo (na actual Lisboa), Asdrúbal Barca estava ocupado a cercar uma cidade dos carpetanos, ainda aliados de Roma, enquanto o seu irmão, Magão, estava acantonado no extremo sudoeste da Península Ibérica, embora em posição desconhecida.

diabólica na sua simplicidade, perfeita no seu atrevimento. Em vez de perseguir o inimigo, resolveu concentrar as suas forças no assalto à principal base cartaginesa na Hispânia: Nova Cartago (a actual Cartagena).

Fundada por Amílcar Barca, pai de Aníbal, era o orgulho de Cartago na Península Ibérica. Era a maior cidade, a melhor abastecida, um importante centro de produção de armamento, com imensas oficinas e armazéns; ali se concentravam as riquezas das maiores famílias cartaginesas no Mediterrâneo Ocidental. Por tudo isto, Nova Cartago era extremamente atraente para o jovem e ambicioso lobo romano. A sua conquista representaria um rude golpe na moral do inimigo, bem como, a prazo, acabaria por levar ao debilitamento e à rendição final dos exércitos cartagineses, privados da sua maior base de apoio e impedidos de receber reforços por via marítima, agora que as poderosas quinqueremes romanas controlavam a costa e as rotas de navegação.

Editam agora as Edições Sílabo uma interessante obra de um dos mais notáveis historiadores ocidentais do século XX: Sir Basil Liddell Hart. O seu livro⁷ *Cipião, o Africano. Maior que Napoleão* é um hino à guerra de movimento e Cipião o mentor dos grandes generais que perfilharam esse conceito ao longo da história moderna e contemporânea. Liddell Hart é, no seu tempo, um dos maiores críticos à guerra estática, à sangrenta guerra de trincheiras. Com alguns dos maiores visionários do seu tempo, como Charles de Gaulle ou Erwin Rommel, este brilhante historiador inglês olhava para a arma blindada como a solução nos modernos campos de batalha. A mobilidade era o factor fundamental e sobre isso as manobras de Cipião, nas campanhas peninsulares ou nas batalhas africanas, apareciam como grandes fontes de ensinamentos.

⁷ A obra encontra-se dividida em dezasseis capítulos e é antecedida por um prefácio à presente edição (da autoria de Garcia Leandro); prefácio do autor e introdução. Os capítulos sucedem-se da seguinte maneira: capítulo I – **Meia-luz**; capítulo II – **Aurora**; capítulo III – **O assalto a Cartagena**; capítulo IV – **A batalha de Bécula**; capítulo V – **A batalha de Ilipa**; capítulo VI – **A subjugação da Hispânia**; capítulo VII – **O verdadeiro objectivo**; capítulo VIII – **Uma dificuldade política**; capítulo IX – **África**; capítulo X – **Uma paz violada**; capítulo XI – **Zama**; capítulo XII – **Depois de Zama**; capítulo XIII – **Sesta**; capítulo XIV – **A última etapa**; capítulo XV – **Crepúsculo**; capítulo XVI – **O zénite de Roma**. Conclui-se com a apresentação de bibliografia.

A guerra contemporânea é vítima da preparação, da logística, do treino, de uma tática e de uma estratégia apuradíssimas, envolve-se com a dinâmica da política, alia-se aos condicionalismos e às vantagens da geografia. Em Cipião, este velho guerreiro da Primeira Guerra Mundial, encontra todas estas preocupações com os vários níveis de preparação e de estratégias (directas e indirectas).

O Africano, assim lhe chamou a História. O vencedor de Zama, o destruidor da poderosa família Barca e do orgulho cartaginês, o militar romano que entregou à sua cidade, e ao Senado que o nomeou, o controlo definitivo do Mediterrâneo, a quem os romanos passariam a chamar *Mare nostrum*. Mas o segredo não esteve em Zama, nem na destruição dos exércitos mercenários de Cartago. Tudo começou na Hispânia.

A conquista de Nova Cartago e a consequente destruição dos três exércitos cartagineses ditou o fim das campanhas de Aníbal na Itália. A Península Ibérica tinha deixado de ser fornecedora de homens e abastecimentos, e mais do que isso, deixava de ser o teatro natural de expansão do colonialismo cartaginês. A derrota cartaginesa na Hispânia marca, de facto, o princípio do fim da hegemonia cartaginesa no Mediterrâneo Ocidental e abre o caminho para o seu desaparecimento definitivo como potência naval.

Toda a obra é uma ode à guerra de movimento, atribuindo a Cipião um papel inovador na maneira como os romanos se adaptam a um conflito, que, a todos os níveis, é total. O emprego da marinha, o assalto e controlo das bases de abastecimento inimigas, a concentração das forças e a sua disposição no terreno, olhando para a cavalaria, não como uma parente pobre da infantaria, mas como um ente dinâmico, capaz de decidir confrontos, a adaptação às bem treinadas legiões que comanda das táticas empregues pelo inimigo, a disposição constante de procurar agregar as tribos autóctones, através do perdão sobre os vencidos e do convite para que lutem do seu lado, a perseguição implacável às unidades cartaginesas, a visão estratégica que associa a guerra na Península Ibérica não como um conjunto de campanhas específicas, mas antes como um etapa numa linha de pensamento que visa desembarcar forças no outro lado do Mediterrâneo, e aí, levar a guerra ao coração do inimigo. Cipião é incontornável na arte de pensar e fazer a guerra. Está ao lado de Sun Tzu, de Alexandre, de César, de Napoleão.

De referir, ainda, o interessante prefácio a esta edição da autoria do Tenente-General Garcia Leandro, onde se fazem notar os aspectos mais importantes da carreira de Cipião, desde o confronto de Ticino, onde com dezassete anos o jovem militar participa, passando pela derrota de Canas; a

tragédia familiar que o envolve ao perder o pai e o tio na Hispânia às mãos dos exércitos cartagineses; a outorga de um *imperium* militar por parte do Senado exactamente para a Península Ibérica, onde em ataques sucessivos e bem planeados desfaz a máquina de guerra cartaginesa, garantindo de novo aquela província, e os seus formidáveis recursos, para a República; e por fim a exposição do grande objectivo estratégico de Cipião e dos romanos ao desembarcarem em África e com isso arrastarem de Itália as forças expediçionárias de Aníbal, obrigando Cartago a capitular. Refere, com bastante pertinácia, os motivos que levam Liddell Hart a escrever esta «quase» biografia, onde se exalta «o comandante, o estratega, o estadista e o cidadão», a sua obrigação em demonstrar que este general romano merecia ombrear com os melhores, sobretudo, devia ser estudado por militares e estadistas, nos seus diversos desempenhos. Acentua ainda Garcia Leandro, esta proximidade entre Hart e Públio Cornélio Cipião, conferindo ao historiador inglês «uma visão ética do estado e da coisa pública, considerando ser sua obrigação fazer comparações globais entre os grandes generais da História...».

Com duzentas e cinco páginas de uma narrativa viva e entusiasmante, esta obra de Liddell Hart é ainda enriquecida por um excelente conjunto de notas acrescentadas por Miguel Mata, que permitem ao leitor uma informação muito completa, embora sumária, dos múltiplos aspectos de uma sociedade tão complexa como a romana.

Liddell Hart não se cansa de apresentar Cipião como um dos maiores generais da História, senão mesmo o maior. Refere sempre a injustiça, suportada quase sempre por um romantismo excessivo, de atribuir a Aníbal o principal papel na Segunda Guerra Púnica, talvez por ter sido tão dramaticamente derrotado, talvez por ter feito estremecer o grande gigante latino. O vencedor, afinal, ficou na sombra, é um fugaz espectro que paira sobre os ombros do grande militar cartaginês. O general que obrigou Aníbal Barca a entabular conversações de paz, e mais tarde ao exílio ignominioso, era tratado como um militar vulgar. Talvez por ser romano.

Hart reclama para Cipião uma outra dimensão, a de que este general representa na História a encarnação de um estratega brilhante, de um visionário, alguém que adapta novas tácticas, que transforma a arte da guerra numa ciência complexa e organizada, onde as questões políticas e diplomáticas são tão pensadas na elaboração dos planos operacionais, como as manobras, o recrutamento, o treino, a logística e a ordem de batalha. É um mestre no uso das operações combinadas entre infantaria e frotas de apoio, brilhante no uso da cavalaria, na guerra de movimento e de envolvimento, tenaz, competente e

inovador nas suas campanhas de cerco. Afinal, Cipião, é para Sir Basil, o maior estrategista de todos os tempos. Sem dúvida, maior do que Napoleão.

Permitam-me que ajude este historiador britânico citando um excerto de Tito Lívio⁸, que recorda excertos de algumas conversas entre Públio Cornélio Cipião e Aníbal Barca, na mesa das negociações, em Éfeso, no ano de 193 a. C.:

«*Africano* perguntou quem era, na opinião de Aníbal, o maior general de todos os tempos. Aníbal respondeu: “Alexandre... porque, com uma pequena força, conseguiu derrotar exércitos numerosos, e porque atravessou terras longínquas...”. Perguntado sobre quem colocaria em segundo lugar, Aníbal disse: “Pirro. Foi o primeiro a dominar a arte de organizar um acampamento. Aliás, nunca ninguém mostrou melhor juízo para escolher o terreno ou dispor as suas forças. Tinha também a habilidade de ganhar homens para os seus exércitos...”. Quando *Africano* continuou, perguntando-lhe quem era o terceiro, Aníbal elegeu-se a ele mesmo. Cipião riu-se e perguntou: “Que terias dito se me tivesses derrotado a mim?” “Nesse caso – retorquiu Aníbal – é evidente que me teria colocado antes de Alexandre e de Pirro; aliás, antes de qualquer outro general!”

Talvez esta história seja apócrifa, mas o juízo, esse, não era certamente imerecido.

JOSÉ VARANDAS

NOVO DICIONÁRIO DA LITERATURA LATINA

(LISBOA, VERBO, 2006)

A Editorial Verbo acaba de publicar um *Dicionário da Literatura Latina* que seguramente passará a fazer parte dos nossos instrumentos de trabalho. Da autoria de Maria Helena Ureña Prieto, este dicionário traz aos estudos clássicos em Portugal um contributo muito apreciável que, como a autora confessa, deriva do seu propósito de coligir a bibliografia em português sobre cada uma das cerca de 170 entradas do dicionário. Esta bibliografia reúne as edições (das quinhentistas às mais recentes), traduções e

⁸ Tito LÍVIO, 35. 14.

estudos (excluindo artigos de revista salvo algumas exceções) distinguindo a bibliografia portuguesa da brasileira.

Um outro contributo apreciável desta obra consiste numa Bibliografia Geral que segue o dicionário propriamente dito. Nela a autora indica obras de referência em língua estrangeira, colmatando assim a escassa ou nula bibliografia em português de algumas entradas deste dicionário. Esta Bibliografia Geral, de resto, tem a vantagem de se apresentar numa organização muito útil que permite uma consulta rápida ao interessado. As quatorze alíneas em que se agrupam os diversos títulos orientam o leitor para campos que vão da Mitologia greco-romana à História da Cultura Clássica em Portugal, passando pela informação bibliográfica electrónica a circular na Internet.

Para além disso, o *Dicionário de Literatura Latina* vem seguramente cumprir os seus propósitos divulgadores da nossa própria cultura naquilo que ela tem de clássico num tempo em que aqueles que pretendem especializar-se em qualquer domínio das ciências sociais e humanas, (ou simplesmente por elas se interessam) — das Literaturas à Filosofia, passando pela História, pelo Direito, pela Sociologia, pelas Ciências Religiosas, etc... — já não conhecem, porque lhes não foram transmitidas no *curriculum* escolar e académico, as suas raízes clássicas. Esperamos que este *Dicionário*...contribua para a transmissão dessa memória.

CARLOTA MIRANDA URBANO

O TOURO. MITOS. RITUAIS. CELEBRAÇÃO

(CÂMARA MUNICIPAL DE ALCOCHETE, 2006)

No sentido de divulgar e promover o património cultural e simbólico do seu concelho, a Câmara Municipal de Alcochete patrocinou a edição de uma magnífica colectânea de estudos sobre as tradições tauromáquicas mais antigas, da Pré-História à Idade Média. Preserva-se com esta iniciativa a memória de uma exposição realizada no âmbito das Comemorações do 108º Aniversário da Restauração do Concelho, inaugurada em Fevereiro deste ano.

Coordenado por Carla Varela Fernandes, o catálogo *O Touro. Mitos. Rituais. Celebração* reúne estudos de cinco investigadores da Universidade de Lisboa e um impressionante acervo de fotografias, graças ao apoio de diversas instituições de Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia, Turquia, Bulgária, Áustria e Estados Unidos da América.

Em “Figuras de Touro na Pré-História. Faces de um mito, a (in)substância dos ritos” (pp. 11-27), Mariana Diniz empreende uma viagem no tempo, desde o Paleolítico Superior ao Calcolítico, com quatro paragens em diferentes espaços, no sentido de desvendar o significado da representação de auroques, touros e bois, um percurso difícil dada a ausência de documentos escritos (p. 12), mas nem por isso menos aliciante. No estudo “O touro no mundo pré-clássico” (pp. 29-39), Luís Manuel de Araújo examina a presença do touro nos documentos iconográficos e literários de vários povos daquele período histórico, comenta a importância sócio-económica deste animal, bem como os cultos que lhe eram prestados no antigo Egipto. Uma parte substancial de “O imaginário taurino no mundo greco-romano” (pp. 41-59), de Nuno Simões Rodrigues, centra-se na apresentação e comentário dos mitos gregos que têm figuras taurinas e bovinas como referências fundamentais, como o de Europa, Cadmo, Io, Hércules, Teseu, Sópatro e Jasão. Mas examina também o papel do touro noutros contextos do imaginário greco-romano, a sua importância sócio-económica e religiosa, bem como a sua utilização nos jogos violentos de Roma. O estudo seguinte, sobre “Os touros na tradição histórica e mítica da antiga Hispânia” (pp. 61-73), de Amílcar Guerra, começa por retomar o mito da captura dos bois de Gérion por Hércules, “ao que poderíamos tomar como as mais remotas referências aos bóvidos hispânicos” (p. 62). O Autor comenta em seguida as referências taurinas na chamada “arte ibérica” (na qual sobressai a escultura em pedra), os rituais lusitanos que incluíam o sacrifício do touro e examina, na última parte do estudo, a representação de touros e bóvidos na cultura romana do ocidente hispânico. Ana Maria S. A. Rodrigues, no último trabalho, “Da caça no monte às corridas em campo fechado: como se lidavam os touros na Idade Média” (pp. 75-87), entre outros assuntos, analisa as referências taurinas na cultura daquele período, designadamente nos códigos régios e eclesiásticos, nos relatos hagiográficos e nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, o Sábio, mas centra-se em especial nas origens, significado e características principais das corridas de touros que a Idade Média conheceu, em particular em Portugal.

O volume abre com uma nota de apresentação do Presidente da Câmara Municipal de Alcochete (p. 7), seguido de um breve prefácio escrito pela Coordenadora (p. 9), e encerra com um útil glossário (pp. 89-91). Não podemos deixar de referir que um dos aspectos mais atraentes desta obra é o design gráfico, da responsabilidade de Nuno Vale Cardoso e Nina Barreiros (Oficina de Design).

O valor científico dos estudos apresentados, a riqueza da documentação iconográfica, em geral correctamente identificada, o que nem sempre é respeitado em publicações desta natureza, bem como o cuidado do grafismo, fazem desta iniciativa editorial da Câmara Municipal de Alcochete um exemplo a seguir. Um reparo apenas: um catálogo com esta qualidade não envelhece, mas não nos parece que dispense a indicação da data de publicação.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA